

## ENSINO, SAÚDE E AMBIENTE

### Entre utopias e esperanças: a atualidade de Paulo Freire para adiar o fim do mundo

*Between utopias and hopes: Paulo Freire's current situation to postpone the end of the world*

Mariana de Castro Moreira<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Educadora. Psicóloga. Mestre e Doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Professora de Psicologia na Universidade Federal Fluminense, Rio das Ostras, RJ, Brasil – [marianacastromoreira@id.uff.br](mailto:marianacastromoreira@id.uff.br) /ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1989-8936>

**Palavras-chave:**

Paulo Freire; educação popular; psicologia.

**RESUMO:** O presente artigo tem como foco celebrar o centenário de Paulo Freire e se mobiliza por algumas questões: o que a Psicologia tem feito na escola e, mais especificamente, de que modo Psicologia e Educação Popular se encontram? O que temos a aprender com Paulo Freire? Qual é a atualidade de seu legado para avançar, hoje, em tempos de recrudescimento e de perda de direitos. A partir de uma escrita situada e implicada, discute-se brevemente a própria história da constituição da Psicologia enquanto ciência e os efeitos aí engendrados em termos de modos e processos de subjetivação. Aponta-se a obra e o legado de Paulo Freire como mobilizadores de novas práticas em Psicologia, tomando as nossas realidades e o compromisso com a transformação social como diretrizes éticas, ontológicas e epistemológicas, reafirmando a atualidade do educador brasileiro para resistir e reconstruir nossas utopias nos dias de hoje.

**Keywords:**

Paulo Freire; popular education; psychology.

**ABSTRACT:** This article focuses on celebrating the centenary of Paulo Freire and is mobilized by some questions: what has Psychology been doing at school and, more specifically, how do Psychology and Popular Education meet? What do we have to learn from Paulo Freire? What is the relevance of your legacy to advance, today, in times of upsurge and loss of rights. Based on a situated and implied writing, we briefly discuss the very history of the constitution of Psychology as a science and the effects engendered therein in terms of modes and processes of subjectivation. Paulo Freire's work and legacy are pointed out as mobilizers of new practices in Psychology, taking our realities and commitment to social transformation as ethical, ontological and epistemological guidelines, reaffirming the current status of the Brazilian educator to resist and rebuild our utopias nowadays.

## INTRODUÇÃO

A escrita deste texto é situada. Já não sei mais pensar o que faço sem me situar. Já não consigo mais escrever travestida de uma suposta neutralidade. Já não posso mais construir intervenções e processos de construção de conhecimento sem me questionar para que, para quem ou, melhor seria dizer, com quem, contra o quê ou quem trabalho, existo, insisto. Assim se faz esta escrita, assim vou me fazendo, assim tenho buscado construir nossas práticas: não com a postura totalizante dos “olhos de Deus” (HARAWAY, 1995), mas nas encruzilhadas e nos territórios, com aquelas e aqueles com quem pretendemos transformar o mundo e construir utopias.

Sim, construir utopias. Há muitos modos de se falar em utopia. Não falo das utopias como ideais inatingíveis, mas como aquilo que nos mobiliza, aquilo que nos coloca em movimento, no sentido poético que nos trouxe Galeano. Ele, em diálogo com o cineasta argentino Fernando Birri, nos ensina: “a utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

Lembrar de Galeano é celebrar as nossas Latino-américas, é celebrar as nossas ancestralidades, é reconhecer a dívida histórica que temos com os povos e as comunidades afrodiaspóricas e indígenas. 2021 é um ano especial. Difícil e especial. Celebramos os cinquenta anos de Veias abertas da América Latina, um mapa deixado por Galeano para nos ajudar a ler um pouco de nossas raízes não somente latino-americanas, mas a entender os jogos perversos e excludentes, a política de deixar morrer, engendrada pela lógica capitalista e neoliberal.

Galeano falava que não escrevia por encomenda, mas como uma alegria na vida que lhe custava caro, que o colocava em risco. E nos ensinava que é preciso “*inventar o futuro, não aceitá-lo. Não temos que nos resignar às fatalidades do destino, porque a história pode nascer de novo a cada dia*”.

Homem de seu tempo, parecia dialogar com nosso Freire que igualmente nos dizia: “*o futuro não é uma província à espera que eu chegue lá, eu sou fazedor de futuro*”. Ele falava que o futuro seria uma invenção da gente, um lugar de liberdade que, para existir, precisaria ser construído cotidianamente no presente (EAD FREIRIANA, 2020a).

### Lutas Sociais e Educação Popular

Afirmamos acima que 2021 é um ano especial: é ano de celebrar o centenário de Paulo Freire. A escrita deste texto se faz em meio ao turbilhão de emoções e merecidas homenagens ao Patrono da Educação Brasileira, título recebido por Freire no governo da ex-presidenta Dilma Roussef, em 2012. Neste momento, nas últimas e certamente nas próximas semanas, Freire e suas ideias são revisitadas, lidas, pintadas nos muros das cidades, nas camisetas dos jovens e de alguns não tão jovens como eu, nos posts das redes sociais... Enquanto algumas institucionalidades se recusam a reconhecê-lo e a celebrá-los, nós, mulheres e homens de nossos tempos, resistimos e o revisitamos. Que sejamos merecedores de seu legado e que tenhamos a coragem de seguir aprendendo com ele.

Neste mesmo momento de 2021, completamos exatos dezoito meses da chegada da pandemia do COVID-19 ao Brasil. Lamentavelmente, estamos próximos da perda de 600 mil pessoas pelo coronavírus. Hoje, ultrapassamos o assustador número de 21 milhões de casos confirmados em nosso país.

Estima-se que mais de 19 milhões de pessoas, no Brasil, passem por situações de fome e de insegurança alimentar. A pandemia exacerbou e expôs nossas estranhas desigualdades. Ao mesmo tempo em que celebramos Freire, vivemos em um país enlutado por tantas perdas e dores, um país que precisa visitar e contar sua história para prosseguir atuando contra os inúmeros retrocessos no campo das políticas públicas e na construção de uma sociedade mais justa e equânime para todas e todos.

Assim, para prosseguir, busco me situar neste território de lutas e, acreditando que escrever é um modo de elaborar o vivido, busco também me localizar neste texto. Falo aqui como educadora, brasileira, cidadã, mulher, preta, mãe. Ao situar minha fala, entro em contato com os sentimentos que acompanham este momento e encontro Pessoa, ou Álvaro de Campos para ser mais precisa. Da sua poesia, chegam-me os versos: “O que há em mim é sobretudo cansaço...” (CAMPOS, 1944).

Mas busco seguir seu poema e ele me ensina sobre o “nosso cansaço” e diz:

*“Porque eu amo infinitamente o finito.  
Porque eu desejo impossivelmente o possível.  
Porque quero tudo, ou um pouco mais, se puder ser.  
Ou até se não puder ser...” (CAMPOS, 1944).*

### Lutas Sociais e Educação Popular

A arte sempre chega primeiro e nos ajuda a dar sentido ao que estamos vivendo. Estou certa de que o muito que há entre nós é cansaço. De tantas perdas, de tanta dor, de tanto impossível, do recrudescer das nossas lutas e conquistas de direitos tão sonhados...

Mas ao lado do cansaço, encontro a esperança. Revisito Paulo Freire e tento, uma vez mais, com ele, aprender a esperançar, a tomar as nossas realidades e os nossos territórios como pontos de partida e matéria prima do nosso ofício de educar. Sim, há perdas e cansaço. Mas é preciso mais do que nunca resistir e reinventar nossas práticas e processos de construção de conhecimentos, reafirmando a educação, as psicologias e as utopias que queremos fazer existir.

O presente texto tem como foco celebrar o centenário de Paulo Freire e se mobiliza por algumas questões: o que a Psicologia tem feito na escola e, mais especificamente, de que modo Psicologia e Educação Popular se encontram? O que temos a aprender com Paulo Freire? Qual é a atualidade de seu legado para avançar, hoje, em tempos de recrudescimento e de perda de direitos?

### **O FUTURO COMEÇA AGORA**

Em uma recente publicação intitulada “O futuro começa agora”, o pensador português Boaventura Sousa Santos (2021) sugere que talvez a pandemia marque, enfim, o início do séc. XXI. Ele diz:

Este livro foi escrito entre o medo e a esperança, tal como um e outra nos confrontam no início do século XXI. O presente acabou sem nos darmos conta. Como nos ensinou Eric Hobsbawm, os séculos nunca começam no dia 1º de janeiro do primeiro ano de cada novo século. Começam quando imprimem a sua marca no mundo, ou seja, quando inscrevem a sua aura ou o seu trauma específico nos corpos de vastas camadas da população em diferentes partes do mundo. [...] O novo século começa agora, em 2020, com a pandemia, e aconteça o que acontecer. E, no entanto, um começo diferente dos anteriores. Se for apenas o começo de um século de pandemia intermitente, haverá nele algo de fúnebre e crepuscular, o início de um fim. Por outro lado, pode ser também o começo de uma nova época, de um novo modelo civilizacional (SANTOS, 2021, p. 15).

Alguns anos antes, Stengers (2015) igualmente prenunciava o fim de um ciclo e a premência de construirmos um novo mundo possível. Nas palavras da autora,

### Lutas Sociais e Educação Popular

Talvez uma era tenha chegado ao fim, mas trata-se de um episódio que, como tal, pertence ao que chamei de “primeira história”, clara e confusa. Não acredito estar enganada ao pensar que, se a calmaria tiver voltado quando este livro chegar aos leitores, o desafio primordial será o de “relançar o crescimento!”. Amanhã, como ontem, nos pedirão para aceitar os sacrifícios exigidos pela mobilização de cada um para esse crescimento e reconhecer a imperiosa necessidade de reformas “pois o mundo mudou”. A mensagem dirigida a todos continuará, portanto, intacta: “Não há escolha, é preciso aguentar firme, aceitar que os tempos são difíceis e se mobilizar para um crescimento, sem o qual não há solução concebível. Se ‘nós’ não o fizermos, outros vão se aproveitar de nossa falta de coragem e de confiança” (STENGERS, 2015, p.10-11)

*“Se ‘nós’ não o fizermos, outros vão se aproveitar de nossa falta de coragem e confiança”*. Que potência, Stengers nos deixa! Tenho pensado muito e tentado compreender um pouco os caminhos que nos trouxeram até aqui, no Brasil, hoje. Refiro-me, especificamente, aos sem números de perdas e de retrocessos políticos, éticos, estéticos, do ser e do conviver que nos interpelam cotidianamente em nosso país. Como chegamos até aqui? Como permitimos chegar aonde chegamos?

Como se recolhesse pistas, olho a história recente de nosso país, buscando reconhecer algumas de nossas heranças não como fardos ou caminhos predeterminados, mas como sinais de inspiração que nos ajudem a ver onde erramos, onde acertamos, onde é preciso voltar, quando não é mais possível voltar, mas, sobretudo, como não sucumbir, como resistir, como avançar e como esperar, como nos ensinou Paulo Freire.

Não caberia neste trabalho, analisar, com o devido cuidado e amplitude, os caminhos que nos trouxeram até aqui e que nos ajudariam a entender um pouco mais sobre o desmonte da nossa frágil democracia. Mas, tomamos como ponto de partida a premissa de que se não tivéssemos nos afastado tanto dos projetos de educação popular, dos territórios onde a educação de base se faz e dos movimentos de cultura popular, talvez nossas redes de sustentação cidadã não estivessem tão fragilizadas.

É com esta aposta que este texto se faz e é assim que busco revisitar e reencontrar o legado de Paulo Freire: assumindo os riscos de uma escrita implicada e buscando reinventar utopias, como nos ensinou Galeano; tentando entender que alguns ciclos se fecharam e que precisamos ter coragem de inventar novos presentes e futuros possíveis, como nos ensinaram Boaventura e Stengers.

Lutas Sociais e Educação Popular

**ENCONTROS E DESENCONTROS ENTRE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO POPULAR**

Meu encontro com Freire antecede a minha formação em Psicologia, tendo sido pautado pela participação em movimentos sociais e experiências de educação popular (MOREIRA, 2014). E não podia ser diferente, uma vez que na Psicologia nem sempre nosso patrono teve o lugar que merece. Conforme trouxemos em trabalhos anteriores,

herdeira do modo moderno de conhecer, a Psicologia constituiu-se tomando como ponto de partida certo pressuposto de que seria possível criar categorias sobre sujeitos - homens, brancos, adultos, europeus, saudáveis (seja lá o que isso for...) – tomados de modo universal e a partir dos quais todo conhecimento – se construído a partir dos “métodos corretos” – poderia nos levar a leis gerais, universais (MOREIRA, 2021, p.102).

Deste modo, historicamente, produzimos o que Oliveira, Balieiro e Santos (2020, p. 95) denominam de “intervenções marcadas pelo operador ético da modernidade” e, conseqüentemente, geramos “práticas excludentes e constitutivas de um sujeito apartado da vida”, o que gera, nos territórios da educação, “práticas pautadas em abordagens diagnósticas, compensatórias e adaptativas”.

Com o ideário moderno e a expansão do sistema escolar, surgem novas demandas de seleção, classificação e ajustamento dos indivíduos. É neste contexto que a escola passa a ocupar um lugar central na construção do projeto de modernidade: é ali que vamos construir um novo homem para uma nova nação; é na escola que vamos selecionar e preparar quem deve fazer parte desse novo projeto e gerir quem não se ajusta. E a Psicologia terá um papel preponderante neste cenário.

A frase de Rubem Alves nos ajuda a entender os desdobramentos que algumas de nossas práticas engendraram. Nas palavras do educador,

As escolas existem para transformar crianças que brincam em adultos que trabalham. É preciso entrar no mercado de trabalho... [...] É na escola que as crianças deixam de ser crianças que brincam para ser adultos que podem entrar para o mercado de trabalho. Cuidar de passarinhos não é uma atividade produtiva. Não se faz vestibular para ser cuidador de passarinhos... (ALVES, 2010, p. 18, p. 24).

### Lutas Sociais e Educação Popular

No caminho entre as histórias da Psicologia e da Educação, as ideias de Rubem Alves parecem nos provocar, possibilitando talvez alguns deslocamentos potentes. Diversos autores (GADOTTI, 2000; SILVA, 2005; GUZZO, 2010; PATTO, 2005) têm discutido a história destes campos de conhecimentos a partir da própria história do desenvolvimento e da consolidação do capitalismo e, com ele, de novas formas de sociabilidade que acabam por reconfigurar o que é ser mulher, criança, família, etc.

É a partir do momento em que certos “disfuncionamentos” (Silva, 2005; Foucault, 1997) não são mais regulados de uma maneira informal pela sociedade que surge a necessidade de problematizarmos o social. É neste contexto que surgem práticas disciplinares, equipamentos institucionais e profissionais especializados para contribuir com as novas formas de sociabilidade e garantir a continuidade do desenvolvimento econômico. A Psicologia, como ciência moderna, se constitui neste momento e a educação será, como sabemos, um dos primeiros campos de atuação para a nova ciência (EAD FREIRIANA, 2020b).

Não nos prolongaremos em demasia, neste momento, na história da constituição da Psicologia enquanto ciência. Por ora interessa-nos ressaltar o quanto Psicologia e Educação Popular não se encontram, em seus primórdios. Pelo contrário, podemos afirmar que, não raro, trabalhamos em nome daquilo que Paulo Freire denunciou como da ordem de uma “educação bancária” (FREIRE, 1997).

Operando em nome de uma doutrina liberal e em defesa da liberdade e dos interesses individuais da sociedade – marcas do modo de produção capitalista – trabalhamos no propósito de contribuir com a criação do sujeito moderno e este como alguém que precisaria *ser educado* para se tornar completo. Caberia à escola “preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais” (Libâneo, 1982, p.2), não sendo esta um lugar de transformação social, mas da manutenção do *status quo*.

A escola, nesta concepção, não é o espaço da subjetivação, mas do assujeitamento e nossa ciência, aparentemente neutra e asséptica, atuou para produzir corpos dóceis e assujeitados, contribuindo para configurar as categorias dos indisciplinados, dos delinquentes ou dos doentes. Nas palavras de Freire,

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os

### Lutas Sociais e Educação Popular

recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão (FREIRE, 1997, p. 62).

Encontremos em nosso mestre tanto do que muitas vezes produzimos. Analisando nossas práticas docentes, Paulo Freire nos denunciava como operadores de uma relação “narradora, dissertadora”, remontando à relação dicotômica entre sujeitos/narradores, por um lado, e objetos/pacientes/ouvintes/educandos, por outro, no que ele chamou de uma “quase enfermidade da narração”.

Não é de estranhar, pois, que nesta visão ‘bancária’ da educação, os homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quando mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele, como sujeitos. (FREIRE, 1997, p.64)

Os modos de opressão operam em sutilezas e virulências, transformando modos de ver o mundo e de (se) pensar em um processo de domesticação de si mesmo e da realidade, gerando contradições e estranhamentos. Para isso, trabalham apartando-nos do mundo, abstraindo nossas materialidades. Referindo-se ao pensamento de Simone de Beauvoir, Freire alerta: “Na verdade, o que pretendem os opressores ‘é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime’, e isto para que, melhor adaptando-os a esta situação, melhor os domine”. (FREIRE, 1997, p.64)

A leitura da obra freiriana não pode ser feita de modo abstrato, mas deve estar aterrada em nossa história, na história de silenciamento e aniquilação de nosso povo, nas nossas raízes, belezas e mazelas. Neste percurso, impossível não situar a própria história dos meios de produção e, nela, a relação entre oprimidos e opressores, entre ricos e pobres e a cruel desigualdade cada vez mais presente entre as escolas para ricos e as escolas para pobres<sup>1</sup>.

Nas primeiras linhas de seu livro *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire dedica sua arte-atuação aos “*aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam*”. É somente a partir dos anos sessenta que alguns de nós – psicólogas e psicólogos – começaremos a nos questionar sobre o nosso

---

<sup>1</sup> Vale aqui lembrar o perfil de inscritos no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) de 2021 que traz a menor proporção de pretos, pardos e indígenas nos últimos dez anos e o menor número de inscrição nos últimos quatorze anos, reforçando a percepção de que a pandemia e as atuais políticas públicas exacerbam as nossas desigualdades.



### Lutas Sociais e Educação Popular

papel como pesquisadores e profissionais e, pouco a pouco, procuraremos nos aproximar das práticas experimentadas no terreno da educação popular, aprendendo com Paulo Freire a construir uma Psicologia a partir das nossas realidades e com compromisso com a transformação social.

O período chamado de “crise da Psicologia Social” traz, dentre suas marcas, o questionamento sobre a importação acrítica de modelos norte-centrados e, com eles, uma forte ruptura com os modos positivistas carregados pelo ideário moderno. A emergência das perspectivas críticas em Psicologia Social é, de modo recorrente, inspirada pelas práticas da educação popular e os trabalhos de base comunitária (MOREIRA, 2000).

Dentre os *muitos personagens em cena* (SADER, 1988), com os anos 70 e 80 vemos surgir diversos movimentos sociais e organizações da sociedade civil que se mobilizaram na luta contra a ditadura e pela democratização, construindo importantes conquistas que vão do silenciamento, punição e interdição à participação como conquista e direito.

O ponto de partida deste movimento está nos homens mesmos. Mas, como não há homens sem mundo, sem realidade, o movimento parte das relações homens-mundo. Daí que este ponto de partida esteja sempre nos homens no seu aqui e no seu agora que constituem a situação em que se encontram ora imersos, ora emersos, ora insertados (FREIRE, 1997, p.77).

A problematização dos homens em suas relações com o mundo é o ponto de partida para inúmeras experiências socio-comunitárias que acabam por contribuir com a transformação das práticas *psi*, em nosso país. Novas categorias analíticas e metodológicas se configuram e, dentre elas, a noção de conscientização se espraia apontando não somente a necessidade de mudarmos a forma de pensar o mundo, mas incluindo necessariamente, uma práxis significativa, ações em ato. Para Freire, “a práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (FREIRE, 1997, p. 38).

Contraopondo-se às clássicas concepções de educação bancária, nos aproximaremos de uma perspectiva dialógica de modo a ultrapassar uma visão abstrata de indivíduo e a superar a contradição educador-educando. A educação problematizadora afirmará o homem como sujeito histórico e inconcluso, estimulando a criticidade ao colocar-se como caminho de construção de futuro, de esperança e de realização do ideal utópico.

### Lutas Sociais e Educação Popular

bell hooks<sup>2</sup>, educadora feminista negra e professora universitária norte-americana que trabalha com a interseccionalidade entre raça, gênero e classe, foi fortemente influenciada pela Pedagogia da autonomia de Paulo Freire e tem sido uma importante disseminadora das ideias do nosso patrono.

Quando descobri a obra do pensador brasileiro Paulo Freire, meu primeiro contato com a pedagogia crítica, encontrei nele um mentor e um guia, alguém que entendia que o aprendizado poderia ser libertador (...) Encontrei Freire quando estava sedenta, morrendo de sede (com aquela sede, aquela carência do sujeito colonizado, marginalizado, que ainda não tem certeza de como se libertar da prisão do status quo) ... Imagine a obra como água que contém um pouco de terra. Como estamos com sede, o orgulho não vai nos impedir de separar a terra e ser nutridos pela água...Pelo fato de as forças colonizadoras serem tão poderosas neste patriarcado capitalista de renovar um compromisso com um processo político descolonizador que deve ser fundamental para nossa vida, mas não é. E assim a obra de Paulo Freire, em seu entendimento global das lutas de libertação, sempre enfatiza que este é o estágio inicial de transformação – aquele momento histórico em que começamos a pensar criticamente sobre nós mesmas e nossa identidade diante das nossas circunstâncias políticas (bell hooks, 2013, p.67, 71).

hooks, basendo-se em Freire, nos ensina: “*Não podemos entrar na luta como objetos para nos tornarmos sujeitos mais tarde.*” Eles nos falam que a construção de uma identidade de resistência só é possível a partir do reconhecimento dos modos e dos processos de subjetivação daqueles e daquelas com que vamos trabalhar. Aprender e ensinar a fazer boas perguntas, fomentar o espírito investigativo e o prazer de construir conhecimento a partir da realidade, compartilhar o processo de construção de conhecimentos e o pensamento crítico, lutando contra todas as formas de silenciamento, de violência, de opressão e de colonização de mentes e corpos podem ser caminhos potentes para enfrentarmos nossos cansaços e reafirmarmos nossas lutas.

Iniciamos nosso texto revisitando algumas de nossas referências e para concluir, mesmo que provisoriamente estas palavras, convido novamente Galeano, Nitta e Paulo Freire para nos ajudar a esperançar. Há dez anos atrás, o escritor uruguaio nos advertia: “A história

---

<sup>2</sup> bell hooks, pseudônimo de Gloria Jean Watkins, em homenagem à bisavó materna. Optamos aqui por manter a grafia de seu nome em letras minúsculas, como a autora propõe e justifica, ao optar por focar sua escrita e suas ideias e não a sua pessoa.

### Lutas Sociais e Educação Popular

não quer se repetir – o amanhã não quer ser outro nome do hoje -, mas a obrigamos a se converter em destino fatal quando nos negamos a aprender as lições que ela, senhora de muita paciência, nos ensina dia após dia” (GALEANO, 2021, p. 9).

Nitta, viúva de Paulo Freire, ilumina nossos caminhos e diz: *“Paulo não pensava em ideias, mas pensava na existência humana. Quem é adepto do amor, de uma vida mais solidária, unida, inteira, está com Paulo. Quem tem a utopia de construir um mundo melhor está com Paulo”* (NITA FREIRE, 2021) e ele próprio nos evocava: *“Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens, na criação de um mundo em que seja menos difícil amar”* (FREIRE, 1997).

### REFERÊNCIAS

- ALVES, R.; SOUSA, M. de. **Pinóquio às Avestas**. Campinas: Verus Editora/Mauricio de Sousa Editora, 2010.
- CAMPOS, Á. de. **O que há em mim é sobretudo cansaço** In Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993).- 64.
- EAD FREIRIANA. **Curso Mestres do amanhã: fazedores do futuro**. Módulo 1, Videoaula 1 - **O futuro como campo da possibilidade**. Ministrada por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2020-2021a.
- EAD FREIRIANA. **Curso ‘Mestres do amanhã: fazedores do futuro**. Módulo 2, Videoaula 7 - **O pensamento moderno e a educação realista**. Ministrada por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2020-2021b.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1997.
- FREIRE, N. **Quem tem a utopia de construir um mundo melhor está com Paulo Freire** In Nova Escola, 2021. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/20655/nita-freire-quem-tem-a-utopia-de-construir-um-mundo-melhor-esta-com-paulo-freire>
- FREIRE, P. **Educação ‘bancária’ e educação libertadora** In Patto, Maria Helena de Souza. (org.). Introdução à Psicologia escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. São Paulo Perspec., São Paulo, v. 14, n. 2, p. 03-11, June 2000.
- GUZZO, R. S. L. et al. **Psicologia e Educação no Brasil: uma visão da história e possibilidades nessa relação**. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 26, n. spe, p. 131-141, 2010.
- GALEANO, E. **Para que serve a utopia?** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9iqi1oaKvzs>
- GALEANO, E. **Las venas abiertas de América Latina**. 60. ed. Bogotá, Colombia: Siglo XXI Editores, 1990.
- GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina. 50 anos. Edição comemorativa**. Porto Alegre: L&PM, 2021

Lutas Sociais e Educação Popular

HARAWAY, D. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.** Cadernos Pagu, (5), 7-41, 1995.

HOOKS, b. **Paulo Freire** In Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIBÂNEO, J.C. **Democratização da escola pública: a pedagogia histórico-crítico social dos conteúdos.** São Paulo: Loyola, 1982.

MOREIRA, M. de C. Sobreviver nunca foi nosso destino: quando um analisador potencializa outros olhares e práticas na intersecção entre a psicologia e a educação. **Sul-Sul - Revista de Ciências Humanas e Sociais**, [S. l.], v. 1, n. Especial, p. 96-117, 2021.

MOREIRA, M. de C. **“O que foi feito, amigo, de tudo que a gente sonhou?” Uma cartografia da atuação de Organizações da Sociedade Civil no fortalecimento da democracia.** Tese de Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Rio de Janeiro: EICOS/UFRJ: Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

OLIVEIRA, L.R. de; BALIEIRO, T. B; SANTOS, A. de O. Racismo e psicologia na escola: diálogos entre Fanon e Freire. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 72, n. spe, p. 94-108, 2020.

PATTO, M.H.de S.. **A produção do fracasso escolar – Histórias de submissão e rebeldia.** São Paulo: Intermeios, 2015 (4ª edição revista e ampliada).

SADER, E. **Quando novos personagens entraram em cena. Experiências e lutas dos trabalhadores da grande.** São Paulo 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, B. S. **O futuro começa agora – da pandemia à utopia.** Coimbra: Almedina, 2021.

SILVA, R. N. da. **A invenção da psicologia social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

STENGERS, I. **No tempo das catástrofes – resistir à barbárie que se aproxima.** São Paulo: Cosac Naify, 2015.

## **SOBRE A AUTORA**

### **MARIANA DE CASTRO MOREIRA**

Professora adjunta no Curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense - UFF/Rio das Ostras. Áreas de interesse: Psicologia, Educação e processos de construção de conhecimentos. Movimentos Sociais, Organizações da Sociedade Civil e Políticas Públicas. Possui doutorado (2014) e mestrado (2000) em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). [marianacastromoreira@id.uff.br](mailto:marianacastromoreira@id.uff.br)